

CAETÉ

Revista de Ciências Humanas

Corporeidades e estéticas negras no equipamento cultural Abí Axé Egbé como forma de resistência ao racismo

Black corporeities and aesthetics in the Abí Axé Egbé cultural equipment as a form of resistance to racism

Sheyla Farias Silva¹

Universidade Federal de Sergipe

sheylafarias@academico.ufs.br

<https://orcid.org/0000-0001-6540-1719>

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo principal estudar como homens e mulheres negros participantes do Grupo de Cultura Negra do Sertão Abí Axé Egbé da Universidade Federal de Alagoas, em Delmiro Gouveia, percebem e externalizam suas Corporeidades e estéticas negras como forma de resistência ao racismo. Para tanto, esta pesquisa se apoiou nos conceitos de Corporeidade (Petry Trapp, 2023), Negritude (Munanga, 2012) e Racismo (Gomes, 2002 e Almeida, 2020). A metodologia da pesquisa foi baseada na observação participante e de viés qualitativa, ancorada em revisão bibliográfica, a pesquisa documental em páginas virtuais vinculadas ao Grupo Cultural e como instrumentos para a investigação a entrevista ao coordenador e aplicação de questionário, disponibilizado através do uso da ferramenta Google Forms, aos membros do referido grupo. A partir daí, foram elaboradas categorias de análise como estratégia interpretativa para a compreensão da atuação deste grupo fomentador de uma Educação para as relações Étnico-Raciais (ERER) e sua relação com o corpo. Consideramos que o trabalho possibilitará reflexões sobre a corporeidade negra no Brasil contemporâneo ao destacar as ideias, as propostas e as ações artísticas e culturais deste grupo, em especial no combate ao racismo.

Palavras- chave: Corporeidade; raça; racismo; Abí Axé Egbé.

ABSTRACT

The main objective of this work was to study how black men and women, especially those participating in the Grupo de Cultura Negra do Sertão Abí Axé Egbé at the Federal University of Alagoas, in Delmiro Gouveia, perceive and externalize their Corporeities and black aesthetics as a form of resistance to racism. For this purpose, this research was based on the concepts of corporeality (Petry Trapp, 2023), blackness (Munanga, 2012), and racism (Gomes, 2002 and Almeida, 2020). The research methodology was based on field research and qualitative bias, anchored in a bibliographic review, documentary research on virtual pages linked to the Grupo de Cultura Negra do Sertão Abí Axé Egbé, and as instruments for the investigation, the interview with the coordinator and the application of a questionnaire, made available through the use of the Google Forms tool, to the members of the referred group.

¹ Doutora em Geografia (UFS/2021). Atualmente é professora do Curso de Museologia da Universidade Federal de Alagoas e do Programa de Pós-graduação Profissional em Ensino de História da Universidade Federal de Sergipe (2024 - onde atualmente ocupa a coordenação do Programa). É pós-doutoranda em História Pública (Unespar/2023) e coordena o Laboratório de Ensino, Memórias, Identidades e Histórias (LABEMIH).

From there, categories of analysis were elaborated as an interpretative strategy to understand the performance of this group that promotes Education for Ethnic-Racial Relations (ERER) and its relationship with the body. We believe that this work will enable reflections on black corporeality in contemporary Brazil by highlighting the ideas, proposals and actions of the group, especially in the fight against racism.

Keywords: Corporeality; race; racism; Abí Axé Egbé.

1 INTRODUÇÃO

O Afoxé é raça
É que conduz a massa
É toque de tambor Ancestral estivador
Som do agogô vem do gueto
(A partilha do amor, Maurício Faísca, 2021).

No ano de 2013, alguns jovens universitários do município de Delmiro Gouveia, Alagoas, foram atraídos, inicialmente pelos sons estrondosos dos repiques dos tambores e dos agogôs, para participar do projeto de extensão Abí Axé Egbé: música e danças afro-brasileiras construindo a cidadania no sertão alagoano, coordenado pelo Prof. Gustavo Gomes, na Universidade Federal de Alagoas. A iniciativa objetiva discutir relações étnico-raciais, ensino de história da África e da Cultura Afro-Brasileira através de oficinas arte-educativas nas áreas de música, dança, canto e estética afro. Desde então, esses estudantes passaram a vivenciar imersões culturais no universo da cultura afro-brasileira – e nutriram um sentimento de pertença étnico-racial.

Nesta pesquisa buscou-se estudar como homens e mulheres negros participantes do Grupo de Cultura Negra do Sertão Abí Axé Egbé, percebem e externalizam suas Corporeidades e estéticas negras como forma de resistência ao racismo.

Desse modo, adotamos como procedimentos metodológicos para esta pesquisa de campo, diário de campo, documentação fotográfica e audiovisual, pesquisa documental e entrevista. No dia 30 de março de 2024, assistimos uma apresentação do grupo, conversamos com alguns integrantes e espectadores e fizemos anotações sobre aspectos da indumentária e adereços utilizados, bem como de outros itens que nos comunicam acerca da cultura negra. Esta pesquisa adotou um viés qualitativo, ancorada em revisão bibliográfica e pesquisa documental - análise das redes sociais do grupo, blog de notícias e fotografias, utilizando uma entrevista semiestruturada oral e remota com o coordenador e aplicação de questionário survey, disponibilizado através do uso da ferramenta Google Forms, aos membros do referido grupo, obtendo vinte e uma respostas.²

² Em consonância com a Lei nº 13.709 de 14 de agosto de 2018, conhecida como Lei Geral de Proteção de dados pessoais (LGPD) e para preservar as identidades dos entrevistados, optamos em identificá-los por nomes fantasias alusivos à notáveis personalidades afro-brasileiras, a saber: Zumbi dos

Admite-se que o ser humano materializa sua presença biológica no mundo através do corpo. É por meio dele que nos apropriamos de objetos, de ideias e incorporando-os por um movimento intencional de projetar-se no mundo, bem como manifestamos nossas vontades, desejos, tudo o que foi aprendido e observado ao longo de nossa história pessoal. O corpo, também é fruto de construção social, histórica, cultural, repleta de representações culturais e simbólicas de uma sociedade. A essa manifestação do homem enquanto ser-no-mundo, preenchendo os espaços pelo movimento do corpo denominamos de Corporeidade (Petry Trapp, 2023).

Ao longo da história, o corpo foi concebido de variadas formas, tendo como parâmetros de classificação as ideias dominantes vigentes em cada período específico, sendo as noções de estética e beleza compartilhadas socialmente a fim de propagar um tipo de corpo ideal. Desse modo, no decorrer do processo histórico, baseado no colonialismo, o padrão hegemônico de beleza construído baseia-se no modelo europeu.

Ao considerarmos que o racismo hierarquiza a população negra brasileira, constrói estereótipos e ressignifica negativamente todos os símbolos de sua cultura, como os participantes do Grupo de Cultura Negra do Sertão Abí Axé Egbé, constituem, percebem e externalizam suas Corporeidades e estéticas negras como forma de enfrentamento ao racismo?

Apesar da comunidade negra – aqueles que se reconhecem pertencer a raça/cor preta ou parda, corresponder a 56% da população brasileira (IBGE, 2023), sua existência, historicamente, sempre foi posposta, seja por meio da perseguição dos seus direitos ou mesmo através da utilização de seus elementos culturais e identitários como alegoria.

Destarte, buscando contribuir na análise das resistências a esse processo, propomos sistematizar as manifestações de corporeidade e estética expressadas pelos integrantes do Grupo Abí Axé Egbé, bem como analisar como eles externalizam suas corporeidades como forma de resistência ao racismo estrutural.

2 CORPOREIDADE NEGRA

Somos herança da memória
Temos a cor da noite
Filhos de todo açoite.
Fato real de nossa história.
(Identidade, Jorge Aragão, 1992).

O conceito raça criado pelo poder do eurocentrismo permitiu que fosse instituída a



ideia de superioridade entre as raças. Assim, estabeleceu-se uma falsa ideia de superioridade da raça branca.

De acordo com (Monteiro, 1997 apud Bento, 2022 p. 27) “hoje, a mundialização explícita o modo imaginário como posições e inferioridade para o aprisionamento do outro”. A herança dos escravocratas consolida os privilégios da população branca enquanto a herança deixada pela escravização do povo negro marca os impactos negativos para a população negra nos dias de hoje, assim afirma Bento (2022).

Os impactos negativos gerados por uma herança acumulada ao longo dos tempos em que a história do povo negro é sistematicamente mostrada na forma negativa, acaba que impactando na não aceitação de sua própria identidade. A não aceitação muitas vezes nasce pelo simples fato da exclusão, da falta de oportunidades que está presente no cotidiano do povo negro. De acordo com Bento (2022), existe um fenômeno a qual a autora chama de pactos narcisistas em que os traços de identidades trazem a supremacia dos povos brancos, os quais visam promover e manter os seus privilégios. (Bento, 2022, p.18) “Esse pacto da branquitude possui um componente narcísico, de autopreservação, como se o “diferente” ameaçasse o “normal”, o “universal”.

O preconceito enraizado na imagem do povo negro é realçado de diversas formas, no caso específico das características corporais, é facilmente perceptível a desvalorização, animalização e apropriação. “A branquitude é construída como ponto de referência a partir do qual todas/os as/os “Outras/os” raciais “diferem”. Nesse sentido, não se é “diferente”, torna-se “diferente” por meio do processo de discriminação”. (Kilomba, 2020, p. 75).

Dentro dessa perspectiva, as características físicas do povo negro fazem com que os tornem pessoas diferentes, não por causa de suas características próprias, mas pelo fato de não está dentro do padrão que discrimina, exclui e dita regras. Há aqueles que preferem camuflar suas características físicas para tentar escapar do racismo. Para Kilomba (2020, p. 76), “os processos são acompanhados pelo poder: histórico, político, social e econômico, é a combinação do preconceito e do poder que forma o racismo. E nesse sentido, o racismo é a supremacia branca.”. Dentro desse

contexto, o poder de uma sociedade com valores e padrões eurocêntricos, exclui e tenta dominar através de sua hierarquização as pessoas negras.

Com a criação de leis como a que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor, e assim reconhece o racismo como crime³, e a que obriga as escolas de ensino fundamental e médio a ensinarem sobre história e cultura afro-brasileira⁴, começamos a

³ BRASIL. Lei 7.716, de 05 de janeiro de 1989. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor.

⁴ BRASIL, Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília, DF.

perceber algumas mudanças através de ações que não permitam que o silenciamento seja aceito.

A corporeidade negra tem grande destaque na exaltação da valorização da cultura negra. Pois é através do corpo que é possível demonstrar as mais diversas manifestações e a riqueza existente nessa cultura. Mas esse corpo, por muito tempo, foi visto como o corpo que tem propriedades atribuídas ao esforço físico, à sexualidade e à exploração. Como nos mostra Gonzalez (2020) que sob a visão do mito da democracia racial, o corpo da mulher negra, no caso a mulata, é aquele que agrada aos brancos e é visto por sua beleza física, essa é exaltada. Visto o corpo como poder de esforço físico a beleza desse corpo é camuflada quando essa mesma mulher assume o papel de empregada doméstica a qual é totalmente anônima pela função que assume. As relações entre empregadas domésticas desde o tempo da escravidão faziam com que as mulheres negras fossem abusadas sexualmente pelos seus senhores. Percebe-se que a corporeidade negra, no senso comum, está ligada a essa visão negativa de um corpo que é fruto de exploração.

3 O GRUPO DE CULTURA NEGRA DO SERTÃO ABÍ AXÉ EGBÉ

No alvorecer do ano de 2013, chegou ao município de Delmiro Gouveia/AL, o recém empossado professor do curso de História da Universidade Federal de Alagoas, Gustavo Gomes⁵. Proveniente do Recife/Pernambuco, onde já participava da cena cultural negra, enquanto ativista da causa antirracista e membro do *Afoxé Oxum Panda*, trouxe consigo, em suas bagagens os bens materiais acumulados ao longo de sua vida, as expertises próprias do seu ofício. No coração do desejo de sensibilizar, por meio de ações educativas e artísticas, seus novos estudantes, colegas e vizinhos para a necessidade dos debates sobre relações étnico-raciais no cotidiano. Por outro lado, a chegada deste negro “retinto e portador de um longo rastafari” este município foi capaz de desnudar as mais camufladas práticas racistas.

Não tardou para que o resultado dessa convivência dialética fosse anunciado à comunidade acadêmica em forma do projeto de extensão acadêmica *Abí Axé Egbé⁶: música e danças afro-brasileiras construindo a cidadania no sertão alagoano*, o qual objetivava, inicialmente, discutir e elaborar novas concepções de relações étnico-raciais junto à comunidade acadêmica, a partir do afoxé⁷ articulando: “a) pesquisa, ensino e produção

⁵ Gustavo Manoel da Silva Gomes, 38 anos, negro, graduado em Licenciatura em História (UFRPE-2009), especialista em História e Cultura Afro-brasileira (UNICAP-2011), mestre em História (UFRPE-2013), doutor em Educação (UFAL-2020).

⁶ O grupo é fortemente influenciado pela cultura iorubá e seu nome significa nasce a força da comunidade.

⁷ Manifestação cultural brasileira de origem iorubá que se caracteriza por um ritmo, um instrumento musical e uma expressão artística. Na contemporaneidade, são entendidos como uma espécie de procissão religiosa em pleno carnaval, ou “candomblés de rua”, visto sua ligação com os orixás e sendo

artística; b) a formação de professores-pesquisadores e a participação da comunidade local e, c) as discussões sobre relações étnicas no sertão e a luta antirracista. (Gomes, 2019, p. 6).

Ainda em novembro de 2013, houve o primeiro chamamento entre os estudantes da UFAL/Campus do Sertão para integrarem como voluntários o projeto de extensão *Abí Axé Egbé*. Aos candidatos foi informado que as reuniões seriam realizadas nas tardes de sábado - eis o desafio, convencer estudantes-trabalhadores a transformarem o ócio tão almejado em momentos criativos.

Todavia, o início da trajetória do Grupo *Abí Axé Egbé* não foi só marcado por encantamentos e desafios estruturais. O racismo desvelou-se em diversas maneiras, em especial na elaboração de narrativas que sutilmente tentavam diminuir a importância dos debates sobre questões étnicas-raciais capitaneados pelo Grupo ou mesmo com “demonização” das suas performances artísticas, como podemos conferir no testemunho a seguir:

Quando comecei minha graduação, ouvir falar pelos corredores que existia um grupo de macumba ou voltado a religião do diabo dentro da Ufal, mas quando tinha os ensaios, ouvia o som enérgico dos tambores e vozes. Aquilo de alguma forma parecia familiar porque me fortalecia. O Abí nos ensina a olhar pra dentro e depois pra fora. [...] até que em um certo evento tive a oportunidade de ver, meus olhos ficaram em transe. Só quem ver as apresentações entende. Foi a primeira vez que vi mulheres negras dançando com um empoderamento, assim como os homens felizes celebrando a negritude. [...] O Abí conduziu a minha descoberta enquanto negra.⁸

Os primeiros participantes do Grupo, eram majoritariamente estudantes dos cursos de História, Geografia, Letras e Pedagogia do Campus do Sertão que foram atraídos muito mais pela “curiosidade” do que seria esse projeto de extensão ou pela possibilidade de ingressar na cena cultural da cidade e ganhar visibilidade artística, seja pela dança ou pela música, do que pelo debate racial. Desse modo, estudantes autoidentificados como não negros e negros passaram a ter acesso a discussões sobre “negritude, cultura afro-brasileira, candomblé, movimento negro, estética, corporeidade, subjetividade, ancestralidade, preconceito, racismo e intolerância religiosa, resistência cultural e políticas afirmativas” (Gomes, 2018, p. 24).

Nesses encontros sabatinos, treze jovens entusiastas - coordenador e estudantes, - buscaram, por meio de práticas curriculares não tradicionais, a saber: oficinas de canto,

presença marcante nos carnavais de Pernambuco e da Bahia. Para melhor entendimento, recomendo a leitura de Afoxés: Manifestação cultural baiana ou pernambucana? Narrativas para uma história social dos Afoxés (Lima, 2017).

⁸ Graduanda em História/Licenciatura, 28 anos.

dança, percussão e estética negra, construir saberes sobre história e cultura afro-brasileira significativas para a promoção de uma Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) e enfrentamento ao racismo na sociedade delmireNSE. Assim, imbricados com discussões de textos científicos, midiáticos e artísticos de autores negros ou que problematizavam as experiências negras no Brasil, com as oficinas ministradas (Figura 1) e com as narrativas que atravessavam as vivências dos próprios membros, esses jovens passaram a confeccionar as coreografias, os figurinos, os adereços e artesanatos que remetesseM à identidade negra.

Figura 1

Roda de conversa entre integrantes do Grupo de Cultura Negra Abí Axé Egbé.



Fonte: Facebook/Abí Axé Egbé.

Em 27 de novembro de 2014, depois de um ano de discussões teóricas, confecção de figurinos, adereços, coreografia, escolha das músicas e intensos ensaios, o Grupo *Abí Axé Egbé* fez sua primeira apresentação (cf. figura 2) no 1º Seminário Nacional da Diversidade Étnica, Sexual e de Gênero, promovido pelo Núcleo de Estudos, Extensão e Pesquisas sobre Diversidade e Educação no Sertão Alagoano (NUDES/UFAL), impactando a sociedade delmireNSE e afirmando-se na cena cultural do Alto Sertão Alagoano como o primeiro e único afoxé.⁹ Após quatro anos de existência e resistência, o Grupo deixou de ser

⁹ O Grupo *Abi Axé Egbé* tem como patrono (ou padrinho como prefere denominar o coordenador do grupo, para evitar vinculação religiosa, visto não se realizar nenhum ritual religioso no Grupo) o orixá Logun Edé, que tem suas cores - amarelo ouro e azul turquesa, destacadas nas indumentárias e artes utilizadas pelo Grupo. (Gomes, 2024).

apenas um projeto de extensão acadêmica, tornando-se em 2017 Equipamento Cultural da UFAL.

Figura 2

Primeira apresentação do Grupo Abí Axé Egbé.



Fonte: Facebook/Abí Axé Egbé.

Além das apresentações artísticas, o Grupo passou a ofertar bianualmente o Ciclo de Formação Docente do *Abí Axé Egbé*, que são jornadas pedagógicas voltadas à formação continuada de professores da educação básica do território no que tange a Educação para as relações étnico-raciais. Nestas atividades formativas, além de conferências com especialistas na temática, os integrantes do Grupo ministram oficinas, minicursos, coordenam mesas de cine debate, apresentam os resultados de suas pesquisas.

Destarte, o Grupo constitui-se, nas palavras do seu diretor, como “um espaço de estudos e pesquisas científicas, sensibilização política e produção artística, fomentando através das práticas arte-educativas, o respeito à diversidade cultural, à valorização étnica da população negra e o fomento à crítica social.” (Gomes, 2018, p. 22).

4 A RELAÇÃO ENTRE CORPOREIDADE, ESTÉTICAS E IDENTIDADES NEGRAS NO GRUPO ABÍ AXÉ EGBÉ

Eu sou negro irmão respeite a minha cor
Respeite o meu cabelo, eu
não tenho mais feitor.
Mesmo que eles ainda existam e estejam em todo lugar Eu
sou do Abí Axé aqui o pré-conceito não pode chegar!
(Batam palmas, *Abí Axé Egbé*, s/d)

Os afoxés, ao invocarem a ancestralidade africana, concebem o corpo como lugar sagrado, morada dos orixás. Desse modo, o corpo é transmissor do Legado Africano, concepção que possibilita aos seus participantes terem suas autoestimas reconstruídas, tornando-se protagonistas das suas narrativas e dos usos de seus corpos empoderados. Entretanto, esse corpo que historicamente vem sendo vilipendiado pelo racismo estrutural, atesta por meio da arte, a resistência. Aqui, concebemos o corpo não apenas na concepção física, mas também fisiológica, mental e simbólica, pois como assevera Gomes (2008, p. 261) “é no corpo que se dão as sensações, as pressões, os julgamentos. Esse não são acontecimentos de forma independente, mas estão intimamente entrelaçados, constituindo uma estrutura, uma unidade que tem uma ordem – a sua forma de corpo”

A fim de conhecermos melhor as compreensões que os integrantes do *Abí Axé* tinham a respeito de seus corpos, antes do ingresso ao Grupo, inicialmente, questionamos: *Como era sua relação com o espelho durante sua infância e adolescência? Como você se enxergava? Como seu corpo comunicava sua ancestralidade? Havia negação? Aceitação?* Eis algumas respostas:

Não olhava minha imagem no espelho, nunca gostei da minha aparência, do meu cabelo, da minha pele, porque fui ensinada por todos a minha volta que minha imagem era repugnante, feia, que nenhum homem nunca ia me querer por eu ser negra.¹⁰

O fato de o padrão de beleza ser um padrão europeu fez com que as pessoas que tinham "minha" aparência normalmente tivessem uma má relação com o espelho, porque tudo o que via no espelho era características lida como feias pelas sociedade. Era normal ver pessoas de cabelos cacheados ou crespos alisando os cabelos, tentando diminuir a diferença entre elas e o que a sociedade chamava de bonito. Por falta de conhecimento histórico sobre o nosso passado, infelizmente a nossa ligação com nossa ancestralidade foi por muito tempo bloqueada. Não tinha heróis ou personalidades negras que nos conectasse a esse passado, os negros na tv era escadas para piadas racista, isso vemos no Mussum dos Trapalhões, no Foguinho da novela Cobras e Largados e até no Cirilo do Carrossel. Sempre servindo de chacota. Algo que deixava nossa autoestima baixa.¹¹

Sobre a minha infância e adolescência um processo bem complexo e ambíguo. [...] Fui criado como moreno. [...]minha infância foi muito a minha mãe vendo o cabelo crescer, meu cabelo crespo e mandando cortar, aquele corte bem curtinho estilo militar, porque ela dizia que era feio o cabelo grande demais [...] cara de maloqueiro, em uma série de nomenclaturas. [...] eu nunca gostei de cortar o cabelo baixinho, eu gostava do meu cabelo alto e só não sabia expressar isso, mas eu gostava do cabelo alto. [...] essa criança negra teve uma relação muito conflituosa com o próprio corpo, teve mais uma tendência negação do

¹⁰ Ganga Zumba, graduando em História, 26 anos.

¹¹ Dandara, graduanda, 39 anos.

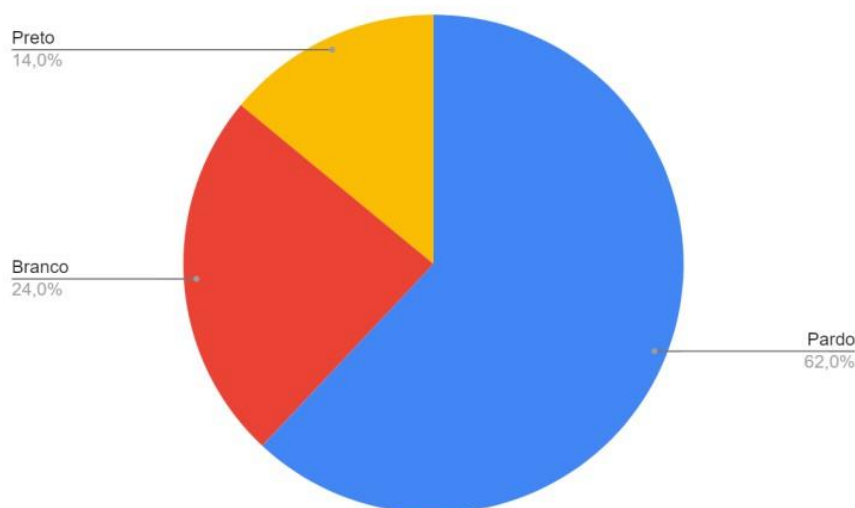
que a aceitação. [...] Então foi esse processo mesmo de incutir uma estética de negação do corpo e aí um processo de embranquecimento pelo desejo de querer ser aquilo que era. [...] na adolescência já foi mais traumático [...] fui eleito o menino mais feio da minha turma da escola, com a lista exposta no corredor da escola. [...] Foi muito dolorido. [...] fiquei muito chateado e aí um menino branco ele ria muito ele ficava vermelho a culpa é do seu cabelo de cocô de cabra, desse seu bocão, desse seu narigão, você é muito feio. Eu me lembro dessas palavras. [...] eu quis desistir de estudar. [...] Essa era a verdade pra mim¹² [...] eu acho que a cultura realmente me ensinou a querer ver em mim um corpo branco que eu não tinha.¹³

A partir dos enxertos acima, verificamos algumas das perversas nódoas deixadas pelo longo processo colonizador aos povos colonizados, no qual os colonizadores brancos impuseram aos colonizados africanos e indígenas a ideia de superioridade racial, exercida por meio da violência, da dominação e do uso de materiais simbólicos (mitos e lendas). Esse processo resultou na aniquilação cultural dos povos dominados, no desenvolvimento de um complexo de inferioridade e assimilação dos valores culturais dos brancos europeus e consequentemente, negação da negritude.¹⁴ (Fanon, 2008).

Ao serem perguntados Como você se identificava racialmente antes de participar do Abí Axé Egbé? os entrevistados responderam:

Gráfico 1

Autodeclaração racial antes do ingresso no Grupo Abí Axé.



Fonte: Questionário/Google forms (elaborado pelas autoras).

¹² Segundo Nilma Gomes (2002, p. 45), “esses apelidos recebidos na escola marcam a história de vida dos negros. São, talvez, as primeiras experiências públicas de rejeição do corpo vividas na infância e adolescência”.

¹³ Zumbi, doutor em Educação, 38 anos.

¹⁴ Para este trabalho utilizamos o conceito de negritude conforme teorizou Kabengele Munanga (2012), sendo uma tomada de consciência dos negros de sua cultura comum e a construção de uma identidade negra positiva e orgulhosa.

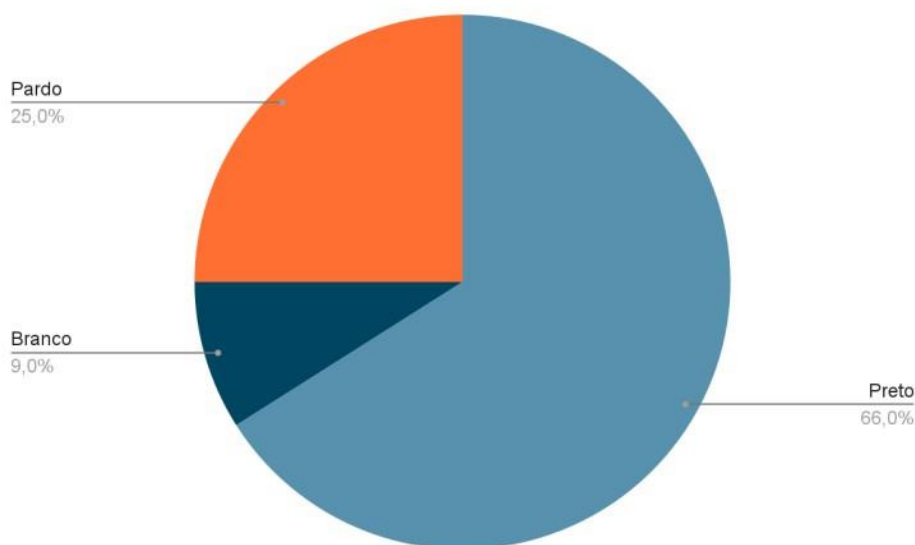
Os deletérios efeitos da colonização ainda repercutem estruturalmente na sociedade brasileira, evidenciados na negação da negritude e nas tentativas de disfarce das evidências da ancestralidade africana, com uso de subterfúgios para autodeclarar a raça/cor, como por exemplo morena, parda (como sinônimo de quase branco) e amarela.

Alguns entrevistados, apesar do fenótipo pertencerem notadamente à raça preta, não se autodeclararam assim antes do letramento racial vivenciado a partir do ingresso ao Grupo (cf. Gráfico 2). Faz-se mister assinalarmos a importância das discussões teóricas feitas pelo Grupo, a partir de paradigmas epistemológicos afrocentrados, em torno da história da África e a história do negro no Brasil, o que certamente resultou no rompimento de uma visão depreciativa do negro. Conforme orientou Kabengele Munanga:

é preciso resgatar sua história e autenticidade, desconstruindo a memória de uma história negativa que se encontra na historiografia colonial ainda presente em “nosso” imaginário coletivo e reconstruindo uma verdadeira história positiva capaz de resgatar sua plena humanidade e autoestima destruída pela ideologia racista presente na historiografia colonial (Munanga, 2012, p. 10).

Gráfico 2

Autodeclaração racial após do ingresso no Grupo Abí Axé.



Fonte: Questionário/Google forms (elaborado pelas autoras).

Nota-se o impacto destas discussões no depoimento de Maria Firmina¹⁵ que durante sua infância e adolescência “odiava meu cabelo cacheado/crespo [...] na escola os apelidos sobre o meu cabelo eram bem comuns: cabelo de vassoura, juba, bucha, cabelo de bruxa”, mas reconhecia-se como parda (quase branca) e hoje, após imersões nas discussões acerca da diversidade étnico-racial, afirma-se como mulher preta. Desse modo, essas discussões

¹⁵ Graduanda em Letras/Licenciatura, 20 anos.

sobre as questões de ancestralidade, negritude e estética vem possibilitando aos membros do Grupo reflexões sobre suas experiências corpóreas, os quais passaram a revisar seus posicionamentos acerca do pertencimento racial/cor. Maria Felipa¹⁶, que outrora via-se como mulher parda, declarou que após ingressar no *Abí Axé* assume-se como “mulher preta empoderada”.

Constatamos que foi recorrente entre os depoentes o uso da palavra “ódio” para designar o sentimento nutrido pela cor da pele, cabelos e nariz antes do autorreconhecimento enquanto preto e portador de uma ancestralidade e estética própria. Essa rejeição/negação do corpo negro e da inferiorização da pessoa negra é reflexo da impetuosidade do processo colonizador, quanto o corpo negro estava associado ao corpo escravizado, açoitado, violentado, penalizado, condenado. Segundo Nilma Gomes (2002), durante os anos de colonização, com fins de reforçar o discurso de superioridade racial e formular um padrão de beleza e de fealdade, foram utilizados como parâmetro de comparação entre negros e brancos as características do nariz, boca, cor da pele e o tipo de cabelo. Esse padrão, não sem resistência, tenta persistir até os dias atuais e manifesta-se cotidianamente através de práticas racistas. Sobre racismo, o filósofo e jurista brasileiro Sílvio Almeida, conceituou:

O racismo constitui todo um complexo imaginário social que a todo momento é reforçado pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional. E a escola reforça todas essas percepções ao representar um mundo em que negros e negras não têm muitas contribuições importantes para a história, literatura, ciência e afins, resumindo-se a comemorar a própria libertação graças a bondade de brancos conscientes (Almeida, 2020, p. 65).

Se o racismo é uma prática estrutural da sociedade brasileira, presente e manifesta de diversas formas, enfrentá-lo e combatê-lo tem sido um dos propósitos do Grupo *Abí Axé Egbé*. De acordo com o coordenador do Grupo, Prof. Dr. Gustavo Gomes, a perspectiva antirracista norteia a escolha das leituras, dos repertórios musicais e da composição dos figurinos e performances. Orientados pelo que intitulou proposta estética “afro-elegante”, os membros da comissão de estética do Grupo “pesquisaram em revistas e sites sobre trajes tradicionais de pessoas ricas na África (sobretudo da cultura iorubá), utilizadas em cerimônias de casamentos e festividades [...] para pegarmos referências de figurinos, adereços, maquiagem, turbantes e sandálias [...] além de mergulhar no universo de reis e rainhas das cortes africanas.”¹⁷

Com a adoção desta postura, dessa experiência político-estética, o Grupo *Abí Axé Egbé* oportuniza aos seus membros e espectadores uma reconciliação com a própria imagem corporal e exaltação das características físicas do povo preto (especialmente cor da pele e cabelo), promovendo o resgate da autoestima desses indivíduos (cf. figura 3). Romper com a

¹⁶ 25 anos.

¹⁷ Gomes, Gustavo Manoel da Silva. Entrevistado por Sheyla Farias Silva, em 22 de agosto de 2024.

lógica perversa do racismo possibilitar que os negros “saiam desse lugar desse lugar de inferioridade e ocupar o lugar de beleza negra, assumindo uma significação política” (Gomes, 2002, p. 49).

Figura 3

Apresentação do Grupo Abí Axé Egbé no Encontro das Guardas Municipais de Delmiro Gouveia/AL (2022).



Fonte: Instagram @abiaxeegbe_oficial.

Podemos perceber na figura 3, a exaltação da estética negra dos participantes, em especial pelo uso de tranças e dreads, interpretada como forma de resistência, fazendo parte do complexo sistema estético da identidade negra (Gomes, 2002). Para integrante Tereza de Benguela, “minha cor que hoje em dia sei que faz parte e me liga aos meus ancestrais e principalmente meu cabelo que é minha coroa que me fez ver o quanto fico linda com ele e me diz quem eu sou uma mulher negra com tanta força, coragem, inteligente”¹⁸.

Para a promoção de uma eficaz educação antirracista faz-se necessário o conhecimento, valorização e respeito ao diverso complexo cultural negro, o que inclui as línguas, as religiões, as artes, os sistemas políticos e econômicos e suas visões de mundo. Assim, além de divulgar a estética negra, este Grupo de Cultura, vale-se de suas performances artísticas para combater o racismo religioso, visto que como já mencionamos anteriormente, o racismo estrutural “demonizou”, deslegitimou e ressignificou negativamente o sistema de crenças, símbolos, espiritualidades e subjetividades dos negros. Desse

¹⁸ Graduanda em História/Licenciatura, 28 anos.

modo, em seus espetáculos o Abí Axé Egbé performatiza as histórias, as belezas e os relacionamentos entre os orixás (cf. figura 4).

Figura 4

Abí Axé Egbé apresentando o espetáculo Mundo Negro (2016).



Fonte: Facebook/Abí Axé Egbé.

Para a comunidade negra do Alto Sertão Alagoano, o Grupo de Cultura Negra do Sertão Abí Axé Egbé não representa apenas um grupo de música e dança afro-brasileira, mas constitui-se um lugar de aquilombamento - compreendido como espaço que possibilita “unir narrativas, coletivizar dores, amores e confrontar a superioridade branca” (Menezes; Menezes, Santos; Costa, 2023, p. 2). Como pode ser percebido no depoimento a seguir:

Quanto mais frequentava e participava, percebera em mim mesmo uma mudança de postura nas discussões e no enfrentamento de situações que só quem é negro passa. O grupo passa a construir dentro de mim um novo agente da sociedade que sabe o seu valor. (Gomes, 2018 *apud* Barbalho, 2021, p. 181).

Ao articular o canto, a dança, a cultura negra, a educação para relações étnico-raciais, a luta antirracista, as manifestações corporais e as estéticas negras, o Grupo Abí Axé Egbé, afirma-se na cena intelectual e cultural do Brasil. Este Equipamento cultural da UFAL tem participado de eventos que extrapolam os limites geográficos do estado de Alagoas, a

exemplo da participação no show da cantora Karynna Espinelli, no palco do Marco Zero (Carnaval de Recife/2015) e abertura da I Semana de Direitos Humanos da Universidade Estadual do Tocantins (UNITINS) em 2018. O Grupo já produziu quatro espetáculos artísticos,¹⁹ e prepara-se para lançar seu primeiro álbum com dez músicas autorais.

Este Grupo é um espaço para aprender e compartilhar valores antiracistas, passando a figurar entre as principais referências teórica/prática do território para pensar a construção de políticas da estética e beleza negras como uma forma de emancipação, onde “[...] os corpos negros se distinguem e se afirmam no espaço público sem cair na exotização ou na folclorização”. (Gomes, 2011, p. 52).

Figura 5

Abi Axé Egbé após apresentação no cortejo de carnaval do município de Delmiro Gouveia/AL (2020).



Fonte: Instagram @abiaxeegbe_oficial.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O corpo, com seus aspectos biológicos e culturais interrelacionados, comunica nosso lugar no mundo. Contudo, este diálogo transmite os embates dialéticos travados entres as memórias dos acontecimentos passados e as questões

¹⁹ O primeiro intitulado Abi Axé Egbé - Nasce a força da comunidade (2014); o segundo, Mundo Negro (2016); o terceiro, (Re)existências (2018) e o último Abi Axé Egbé, primeiro (2022).

contemporâneas. A partir dessa reflexão surgiu uma questão de pesquisa que nos motivou: como a população negra brasileira vem expressando sua corporeidade numa sociedade estruturada no racismo? Na introdução, buscamos situar o leitor em como realizamos a pesquisa e de onde partimos.

Na segunda seção deste artigo, intitulada Corporeidade Negra, discutimos as percepções teóricas sobre a corporeidade negra, historicizando as construções ideológicas sobre os corpos escravizados durante a colonização.

Na terceira seção, intitulada “O Grupo de Cultura Negra do Sertão Abí Axé Egbé”, apresentamos o Grupo de Cultura Negra Abí Axé Egbé como uma forma de expressão e resistência que se manifesta através do movimento dos corpos de seus como danças, músicas e performances. Os espetáculos do Grupo expressam a força e a vitalidade da cultura negra, reafirmando a sua presença e a sua relevância na sociedade. O grupo de cultura negra Abí Axé Egbé, não apenas canta e dança a cultura afro-brasileira. Seus integrantes, a partir de uma perspectiva crítica e afrocentrada, valem-se da corporeidade e das estéticas negras como forma de celebrar a ancestralidade religiosa, a memória africana, o protagonismo feminino negro e a beleza do povo preto a partir de visões positivas e ressignificadas. Por meio desta valorização e celebração da cultura afrodescendente, o grupo busca afirmar a identidade negra, combater estereótipos e preconceitos, além de promover uma Educação para Relações Étnico-Raciais (ERER) e afirma-se como espaço de resistência ao racismo.

Na quarta seção, intitulada “A relação entre corporeidade, estéticas e identidades negras no Grupo Abí Axé Egbé”, enfatizamos a importância do conhecimento dos elementos que constituem a negritude para a consolidação de identidades negras. A valorização das vestimentas, penteados, adornos, sons, músicas e estéticas negras também desempenham um papel importante na resistência ao racismo. Com o conceito Afro Elegante, o grupo tem reafirmado a beleza e a diversidade da estética negra, desafiando os padrões eurocêntricos de beleza e promovendo a autoestima e o orgulho da comunidade negra.

Em suma, a corporeidade e as estéticas negras no grupo de cultura negra Abí Axé Egbé representam uma forma de resistência ativa ao racismo, promovendo a valorização e a celebração da identidade afrodescendente e combatendo a invisibilidade e a marginalização que historicamente têm sido impostas à população negra.

REFERÊNCIAS

A partilha do amor, Intérprete: Maurício Faísca. Compositor: Maurício Faísca. (2021). In: *Águas que lutam*. Intérprete: Maurício Faísca. Salvador: Tratore. EP, faixa 06.

Disponível em <https://open.spotify.com/intl-pt/album/2BI0IGNrIKoUDL9UVgEDfG>

ALMEIDA, S. (2020). *Racismo Estrutural*. São Paulo: Editora Jandaia. BENTO, C.

(2022). *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras.

ABÍ AXÉ EGBÉ. *Nasce a força da comunidade*. Youtube, 23 de maio de 2016. ABÍ

AXÉ EGBÉ. *Abí Axé Egbé 10 anos*. Youtube, 01 de março de 2024.

BRASIL, *Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. (2003). Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília, DF.

BRASIL. *Lei 7.716, de 05 de janeiro de 1989*. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor.

FANON, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA.

GOMES, G. M. da S. (2021). Arte, Ciência e engajamento: extensão acadêmica e ações formativas do equipamento cultural da UFAL Grupo de Cultura Negra do Sertão Abí Axé Egbé. In: BARBALHO, José Ivamilson Silva (org.). *10 anos da UFAL Campus Sertão*. Maceió: Edufal, p. 181-192.

GOMES, G. M. da S. Experiência e subjetivação a partir da cultura afro-brasileira: narrativas da formação de professores de história no sertão alagoano.

GOMES, Gustavo Manoel da Silva. Entrevistado por Sheyla Farias Silva, em 22 de agosto de 2024.

ENCONTRO INTERNACIONAL HISTÓRIA & PARCERIAS, 2, 2019, Rio de Janeiro, *ANAIS*, Rio de Janeiro, 2019.

GOMES, G. M. da S. (2018). Extensão acadêmica, cultura afro-brasileira e ensino de

história, interações éticas e estéticas de uma experiência sertaneja. *Revista Extensão*, v. 2, n. 1, p. 16-26, 13 mar.

GOMES, N. L. (2002). Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? *Revista Brasileira de Educação*, n. 21, p. 40–51, set.

GOMES, N. L. (2019). A compreensão da tensão regulação/emancipação do corpo e da corporeidade negra na reinvenção da resistência democrática. *Perseu: história, memória e política*, n. 17.

GOMES, N. L. (2011). Movimento Negro, saberes e a tensão regulação-emancipação do corpo e da corporeidade negra. *Contemporânea: Revista de Sociologia da UFSCar*, n. 2, p. 37-60.

GOMES, N. L. (2008). *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica.

GONZALEZ, L. (2020). *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos* Rio Janeiro: Zahar.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. (2023). *Censo Demográfico 2022: população e domicílios - primeiros resultados*. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102011>. Acesso em: 28 dez.

IDENTIDADE, Intérprete: Jorge Aragão. (1992). Compositor: Jorge Aragão. In: *Chorando estrelas*. Intérprete: Jorge Aragão. Rio de Janeiro: Som Livre. 1 CD, faixa 10. Disponível em <https://open.spotify.com/intl-pt/album/4aNq9GjfSpXAhwmzqslzi>

KILOMBA, G. (2020). *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Editora Cobogó.

LIMA, I. M. de F. (2009). Afoxés: Manifestação cultural baiana ou pernambucana? Narrativas para uma história social dos Afoxés. *Esboços: histórias em contextos globais*, [S. l.], v. 16, n. 21, p. 89–110. DOI: 10.5007/2175-7976.2009v16n21p89. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175->

[7976.2009v16n21p89](#). Acesso em: 2 set. 2024

MENEZES RIMOLI, T.; MENEZES BRAGANÇA DOS SANTOS, A. P.; DE JESUS ALVES PIRES, L.; COSTA MENDES, E. (2023). Aquilombamento como ferramenta de resistência e promoção de saúde da população negra: Aquilombament as a tool of resistance and health promotion for the black population. *Revista de Saúde Coletiva da UEFS*, [S. l.], v. 13, n. 2, p. e9284. DOI: 10.13102/rscdauefs.v13i2.9284. Disponível em: <https://periodicos.uefs.br/index.php/saudecoletiva/article/view/9284> . Acesso em: 8 set. 2024.

MUNANGA, K. (2012). Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso? *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 4, n. 8, p. 06-14.

PETRY TRAPP, R. (2023). Raça, corporeidade e subjetividade em Beatriz Nascimento e Eduardo de Oliveira e Oliveira. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 16, n. 41, p. 1–22. DOI: 10.15848/hh.v16i41.1992. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1992>. Acesso em: 2 out. 2023.